

4. Clara e os Místicos do seu tempo

Francisco foi o grande companheiro, “o amigo do esposo”, na experiência mística de Clara com Jesus Cristo. Ela nunca perdeu esse ponto de partida: abraçar o Cristo cujo amor foi tão grande que o tornou pobre, livre e crucificado. Mas ela também conheceu e aprofundou os místicos medievais.

Para falar deles, parece-me interessante começar repetindo aqui o que dissemos sobre o misticismo no Capítulo 1, com alguns acréscimos.

Diante do mistério que o transborda, o homem expressa sua incapacidade de falar pelo silêncio, pela mística. Essa palavra vem do grego *μυστικός*, *mystikós*, que indicava a iniciação a um mistério religioso. É a busca da comunhão com uma realidade final, que pode ou não ser chamada de Deus, através de uma experiência direta ou intuitiva.

Essa experiência é sentida como incomunicável e sua origem é o verbo grego *myo* = fechar os olhos ou a boca: para não ver o segredo e para não revelar nada. O silêncio é saudável. Na linguagem do amor, feita de pala-vras e de silêncios, nós nos movemos num modo de falar que pode parecer impreciso para quem não descobriu a precisão da arte, tão carregada de força e de verdade. Nela, o homem se ajoelha para recolher as riquezas do mistério. Celebra-o. Quando o mistério é muito grande, adora. Mas não foge do mistério, vive dele.

Desde que tomou consciência das realidades que existem ao seu redor e de que têm um nexo entre eles mesmos, os homens foram místicos. E o fato de muitos terem perdido o uso da mística quando encontraram algumas explicações racionais não acabou com ela. Os místicos cresceram. Vamos nos dedicar, aqui, apenas aos místicos dos tempos antigos e medievais que viveram da revelação bíblica porque queremos que os medievais Clara de Assis e Francisco nos ajudem a viver a mística do século XXI em diante.

Para todos esses místicos, o mistério maior é o Amor. E o amor é relação. E nós vamos dar a maior seriedade possível a esse aprofundamento. Já foi dito: “*O homem do terceiro milênio vai ser um místico ou não vai ser nada*”.

Nos séculos XII e XIII floresceu na Europa a literatura mística. Foram muitos os autores, quase sempre monges ou monjas. Essa época foi marcada por uma linguagem amorosa especial, usada tanto no amor pro-fano quanto no religioso. O amor cantado pelos trovadores foi o mesmo dos autores espirituais. Místicos e poetas contemplaram juntos o mistério que sempre está por trás do amor: o Infinito. E os místicos foram mais longe. A terminologia é quase comum. A literatura monástica da época dos trovadores aplicou à relação de amor com Deus a linguagem realista do amor recíproco entre pessoas humanas, de modo especial no âmbito espousal-conjugal.

Como e por que apareceram muitos místicos nos séculos XII e XIII? Seria uma redescoberta feita por monges renovados que tinham conservado e estavam redescobrando os Santos Padres? São Bernardo chega a ser considerado o último dos Santos Padres. Foram especialmente os monges, ou quem dependeu de sua orientação, que surgiu a mística medieval.

Com os místicos medievais, Clara aprendeu a cantar. E foi introduzida no Cântico dos Cânticos. Ela começou ouvindo o cântico dos jograis. Os místicos a levaram aos Santos Padres, que os tinham introduzido ao Cântico da Bíblia.

Numa visão concisa, quero apresentar um pouco das mulheres místicas medievais e também destacar a contribuição de alguns grandes cistercienses. Clara parece não ter tido muita influência dessas mulheres que, na maioria, só floresceram no seu tempo ou depois dela. Mas elas podem ajudar a conhecer o que vicejava naquele tempo, pelo menos entre algumas mulheres que deixaram escritos. É mais fácil perceber em Clara a influência dos cistercienses: eles a precederam historicamente e é possível que Clara tenha conhecido suas obras escritas, pelo menos através do “bons pregadores” que ela convidava, conforme o testemunho das Irmãs no seu Processo de Canonização.

4.1. As mulheres místicas do tempo de Clara

Algumas mulheres romperam com o mutismo do chamado “sexo fraco”, e inauguraram um espaço (o mosteiro) em que as mulheres eram as protagonistas de suas exigências, de suas expectativas, de sua linguagem.

Elas tinham luz própria, próximas do fogo comum que é o Amor de Deus, em cujo abismo se perdiam misticamente como os Santos Padres e os Autores Espirituais que elas mais liam, sempre em torno do Cântico dos Cânticos: a bagagem patrística e monástica foi assumida sem precisar reivindicar nada, apesar da clara misoginia de que tinham sido objeto pela arrogância e agressividade de alguns eclesiásticos.

A oposição dessas místicas não é aos homens, mas a uma compreensão de Deus que não correspondia ao que elas intuía e queriam. Era um caminho diferente, alternativo, na maneira de ver, de entender, de viver e de partilhar o que nelas e para elas significava Deus.

Podemos indicar duas vivências legítimas, mas diferentes do Mistério: uma foi desenvolvida pelos místicos renano-flamengos (*Wesenmystik*) e os levou a um “abandono de Deus” (*Gott lassen*) no sentido de libertar-se de qualquer imagem de Deus. A outra foi desenvolvida pela mística feminina (*Minnemystik* ou *Brautmystik*) e levou a uma penetração afetiva no Mistério, usando uma simbologia nupcial¹.

A mística nupcial se refere preferentemente ao simbolismo do amor e das bodas. Cristo é o noivo (como em Jo 3,29) e a alma fiel é a noiva (2Cor 11,2 e Ef 5,25). A mulher mística refere-se principalmente à transcendência do Deus uno. A alma deve superar o mundo material em que está imersa, as atividades que não a deixam chegar à unidade, e também todas as imagens, intermediários e conceitos que mais ocultam Deus que o dão a conhecer.

A mulher era prisioneira de uma ética que assimilava o pecado da língua à gula, porta de outros vícios, pecado tanto maior quando provinha de mulheres e elas pretendiam falar em público. Por isso é preciso resgatar a palavra da mulher medieval como expoente e síntese de um momento cultural e religioso de especial importância: a conjunção entre o pensamento e a afetividade, entre a inteligência e o coração.

Seria longo fazer uma resenha de todas as mulheres da época de Santa Clara que deixaram alguma coisa escrita. Mas queremos apresentar algumas personalidades que se destacaram:

4.1.1. Beatriz de Nazaré (1200-1268)

Nessa contemporânea de Santa Clara há uma boa síntese de duas correntes do âmbito feminino medieval: as beguinhas e as cistercienses. Há uma biografia dela escrita por um monge que foi seu confessor.

É importante em Beatriz o peso que teve em sua vida e amadurecimento a amizade. Estamos na melhor linha cisterciense de Saint-Thierry e de Rievaulx. É destacável a amizade com a beata Ida de Nivelles, desde que esta era noviça. Beatriz não gozou de uma grande personalidade nem teve os ricos dotes naturais de sua contemporânea Hadewijch, mas era muito sensível, de temperamento tímido e afetivo, e sentia a necessidade da amizade. E foi isso que dirigiu sua piedade para um encontro afetivo com Jesus, Homem Deus, na eucaristia e no sagrado Coração.

Já chamamos a atenção para a destacada amizade que uniu Clara a Francisco e Clara a Inês de Praga.

Vamos nos limitar a um escrito de Beatriz em que podemos ver sua posição mística nitidamente afetiva e sponsal. É o breve tratado *Seven manieren van Minne* (Os sete graus do amor de Deus). Não apresenta uma narração espiritual como a que faz em sua “autobiografia”, mas dá uma síntese do que Beatriz viveu misticamente: é o seu *itinerarium cordis in Deum*. O elemento ordenador, a estrutura fundante é o amor, a *Minne*.

¹ A bibliografia para este tema não é fácil de encontrar. Por enquanto indicamos P. DINZELBACHER – D.R. BAUER, *Movimento religioso e mística feminina*.

O I grau fala do desejo ou saudades de Deus que nos criou à sua imagem e semelhança. Os graus II e III introduzem no dinamismo interior do amor puro que permeia todas as atividades do ser humano. O grau IV começa a descrever as primeiras experiências passivas, que no grau V tornam-se luminosas e ardentes. Os dois últimos graus desembocam na verdadeira *união mística*, pela qual a alma entra em uma ininterrupta união amorosa (grau VI) que enche de fruição e paz, até chegar ao cumprimento do gozo imediato de Deus, na bem-aventurança eterna, grau que *nenhuma inteligência pode compreender*.

Vemos essa monja cisterciense não só como uma mística que mede a vida espiritual a partir da altura transbordante de uma união com Deus verdadeiramente sentida e gozada, mas também como uma mestra experimentada nos problemas mais árduos da teologia mística.

A doutrina mística de Beatriz está fundamente marcada pela preemi-nência do amor, considerado como graça doada, capaz de regenerar a vida e transformá-la até a união com a pessoa amada. São notas muito comuns nas mulheres místicas que se movem neste horizonte de espiritualidade sponsal. Serão familiares quando lermos as cartas de Santa Clara.

4.1.2. *Matilde de Magdeburgo (1210 – 1294)*

É interessante a contribuição desta mística alemã, feita em um itinerário espiritual. Ela começou o seguimento de Cristo em Magdeburgo, por volta de 1230, quando se fez beguina sob a direção espiritual dos dominicanos. Durante quase trinta anos, uniu o serviço aos pobres e doentes com um progressivo crescimento espiritual, que a levou a abraçar a vida monástica.

Ainda beguina, entre 1250 e 1265 escreveu *Das fliessende Licht der Gottheit* (A luz fluida da Divindade), composta de sete livros escritos em duas partes desiguais e diferenciadas: o último foi escrito no mosteiro de Helfta, depois da morte de Henrique de Halle, seu confessor dominicano.

Ela usa um tom acusador, típico de um profetismo feminino encontrado mais tarde em Santa Catarina de Sena, contra os males de uma Igreja enferma em seus pastores. Matilde não poupou críticas à decadência do clero, do Império e mesmo da Ordem Dominicana. É uma crítica dura e áspera quando lembra os pecados dos cônegos luxuriosos, mas se transforma em doce intercessão quando tem visões do tormento desses eclesiásticos.

Mas a obra de Matilde é um testemunho de sua profunda experiência da fluida luz de Deus. Encontramos os tons modernos do *Minnesang* e seu canto de amor, mesmo quando se refere ao Cântico dos Cânticos. Essas imagens amorosas e nupciais são transformadas, interiorizadas no processo espiritual da própria experiência amorosa de Matilde. Se a influência da “metafísica da Essência” é menos acentuada que em Beatriz, Hadewijch e Margarida Porete, o tema do retorno à própria e verdadeira natureza vincula as quatro.

Na obra de Matilde espelha-se uma vida abismada nos mistérios da divindade, sua progressiva separação do contingente, para entrar na vida íntima de Deus Trindade e da Encarnação do Filho. Vai deixando a mística visionária para um caráter cada vez mais pessoal e afetivo.

4.1.3. *Hadewijch de Amberes (séc. XIII)*

Hadewijch pertenceu ao movimento leigo feminino que juntou a consagração a Deus e uma intensa vida espiritual com uma entrega aos pobres e aos enfermos.

Esta mística é a grande desconhecida de toda aquela geração de mulheres escritoras dotadas de uma especial graça espiritual. Pode ter sofrido a suspeita de heresia por sua proximidade com alguns grupos de beguinas ou begardos que foram condenados. Só foi um pouco resgatada no século XX.

Todo o conjunto de sua doutrina espiritual gira em torno do amor. Passando o amor cavalheiresco, a *Minne*, para o plano sobrenatural e metafísico, consegue dar-lhe um lugar central na vida interior, afirmando também que o amor é a essência de tudo e o motivo de toda atividade humana. O homem é criado para o amor e para possuir Deus no amor. Para isso, todo

esforço humano deve estar ao serviço do amor, esquecido de si e em plena submissão à vontade de Deus. Esse amor é celebrado sob diversos aspectos e personificado na dama, rainha, mestra... (amor é feminino em flamengo e em alemão).

Escreveu Poemas, Visões e Cartas. Os *Poemas* consagram Hadewijch como uma das criadoras da poesia flamenga. Têm um único tema: o amor.

As *Visões* são do período juvenil, quando teve algumas experiências para-normais. Há um tom de exuberância, que não encontraremos na sóbria maturidade de suas *Cartas*. Todas as Visões giram em torno do amor, experimentado com grande prazer a partir de uma vivência unitiva: ter acesso ao segredo íntimo de Deus até chegar a ser uma só coisa com Ele. Aí aparecem temas como a Brautmystik, a união esposal entre Deus e a alma e a fecundidade resultante de um Deus que nasce nela.

4.2. Os cistercienses

No século anterior ao de Clara e Francisco, o movimento cisterciense foi o herdeiro dos Santos Padres na linha da espiritualidade dos esponsais. Deu forma viva aos estudos mantidos pelos mosteiros e, nos comentários ao Cântico dos Cânticos, insistiu na relação Cristo-Igreja e, mais ainda, na relação Cristo-alma. Teve a sensibilidade de dar uma resposta nova ao homem novo e à nova realidade, que estavam surgindo da Reforma Gregoriana. Com os primeiros cistercienses acentuaram-se a devoção à humanidade de Cristo e a experiência unitiva com Ele, entendendo isso como uma união esposal, tanto na dimensão afetiva como na intelectual. Esse movimento teve uma forte influência sobre os franciscanos, principalmente através de Santa Clara e do Cardeal Hugolino. Vamos destacar São Bernardo, Guilherme de Saint-Thierry e Aelredo de Rievaulx.

4.2.1. São Bernardo

4.2.1.1. A centralidade do amor

Na visão de São Bernardo, a união amorosa dos esponsais é o centro de tudo. Toda a sua mística se fundamenta na semelhança do homem com o Criador, precisamente no amor². Se Deus é amor e se para conhecê-lo é necessário que o amor esteja em nós, esse amor tem que ser um dom de Deus. Essa é a origem da distinção entre o Amor que é Deus e o amor que está em nós como dom dele. O dom do Amor é o dom do Espírito Santo. Dois sinais permitem reconhecer essa presença amorosa de Deus no homem: o primeiro no amor pelo próximo; o segundo é a ausência de medo do Juízo final e, portanto, uma grande confiança na misericórdia de Deus.

A experiência espiritual aprendida na contemplação da humanidade de Jesus, no acento materno da mediação de Maria, na gratuidade da ação do Espírito de Deus e, sobretudo, na misericórdia e ternura divinas, abriu uma autêntica escola espiritual e teve uma salutar influência na espiritualidade franciscariana.

4.2.1.1.2. O processo

Para chegar ao Amor dos Esponsais, São Bernardo apresentou um processo que – depois de um esvaziamento interior – leva em quatro degraus à contemplação do Verbo e à união com Deus Esposo:

- 1). Temos a mesma natureza do Deus que se encarnou. Descobrimos o Amor que é Deus e o amor que está em nós como dom dele.
- 2). Aprendemos a permanecer na oração durante a prova. O espaço interior é o do coração que se converte e se abre à ação da graça

² Para um contacto melhor com São Bernardo só lendo os seus textos em latim. Mas posso indicar o livro de E.GILSON, *La Teologia mística di San Bernardo* (Milano, 1987). Ver também San Bernardo, Obras completas, vol. V, “Sermones sobre el Cantar de los Cantares”. J.M. de la Torre – I. Aranguren, Madrid 1987.E. GOWLAND – M. E. TAMBORINI, *La amistad espiritual*, em Caridad, Amistad. Buenos Aires 1981.

- 3). Chegamos ao prazer e à experiência de Deus Esposo, e a interioridade da alma se amplia.
- 4). Na meta, o espaço já serve só para voar em Deus. É o céu. De alguma forma, estamos transformados no próprio Deus. Realizaram-se os Esponsais.

4.2.1.1.3. Alguns fundamentos do Esponsais

Em 86 Sermões que fez para os seus monges sobre o “Cântico dos Cânticos”, São Bernardo apresenta pelo menos quatro interessantes pontos fundamentais:

“O semelhante busca o seu semelhante”

Criaturas dotadas da capacidade de amar, nós somos semelhantes a Deus, que é o Amor. Por isso, temos sede dele. Toda a mística sponsal se fundamenta numa visão do homem amplamente otimista: Ficamos estupe-fatos diante da criação e queremos apaixonadamente unirmos à semelhança perfeita de Deus, que é Jesus, o Verbo feito carne.

A Encarnação de Jesus é o primeiro chamado de Deus ao pecador mos-trando até que ponto Deus é capaz de se dar a ele, de amá-lo miseri-cordiosamente: “Não fomos nós que o amamos, foi Ele quem nos amou primeiro” (1Jo 4,10). Fazendo-se homem, Deus mostrou ao homem sua dignidade e seu destino... Mas isso é devido à condescendência divina e não à natureza humana, não à condição humana, que é frágil e precária, mas com esperança pela intervenção gratuita de Cristo em favor da alma. Deus acompanha o homem em seu itinerário, como Pastor bom e solícito. O Verbo dá o primeiro passo para unir a ele a alma infiel: o homem tem que trabalhar a ascética sponsal para chegar à união-visão do Esposo em pleni-tude, ao matrimônio espiritual.

“O Beijo da tua boca”

São Bernardo trabalha bem a aproximação intelectual e afetiva ao mistério do amor de Deus quando comenta o “Beijo da boca” (Ct 1,1). Relaciona esse *osculum oris* – ponto alto do matrimônio espiritual – com a doutrina da Trindade, falando em quatro beijos na história da salvação.

O *primeiro* foi quando Deus beijou os homens espirituais do AT para que o desejassem diretamente, sem intermediários. Sem os beijos de Moisés, que gaguejava; sem os de Isaías, que tinha lábios impuros; sem os de Jeremias, que não sabia falar porque era um menino; sem os dos profetas, que eram como mudos, para desejar com veemência o Beijo para o qual nascemos.

O *segundo* beijo foi o de Deus na natureza humana quando Jesus se encarnou. Nenhum de nós é particularmente digno dele.

No *terceiro* beijo, São Bernardo se reconhece digno como parte dessa natureza humana do Senhor: é a grande intervenção amorosa do Criador. Deus (o Verbo) beijou Jesus feito homem.

O *quarto* beijo é quando cada um se reconhece e acolhe a divindade do Verbo revelada na humanidade de Cristo. É o “beijo da paz” que nem todos souberam ou quiseram receber: Simeão e os pastores acolheram; Acab e Herodes não quiseram. Deus beija aqueles que acolhem a divindade do Verbo na humanidade.

Observemos que, em um beijo na boca, as duas pessoas atuam ao mesmo tempo, a comunicação é mútua. É no Sermão 8 que São Bernardo apresenta a doutrina mais profunda sobre isso: o beijo do Cântico dos Cânticos representa a união entre o Pai e o Filho no seio da Trindade. O amor no beijo entre o Pai e o Filho é o Espírito Santo. A pessoa do Espírito Santo é um beijo inefável que nenhuma criatura humana experimentou e que representa o conhecimento e amor recíproco entre o Pai e o Filho.

A Esposa pede um beijo e o Espírito Santo o dá, para entender com sabedoria e unção. Pedir o beijo do Espírito é desejar entrar nessa intimidade divina, nesse conhecimento amoroso que só Deus pode conceder a quem o suplica. É entender o que se ama e amar o que se entende.

Bernardo relaciona o beijo de Cant 1,1, com o texto de João: “soprou sobre eles e lhes disse: recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22). O beijo é o Espírito soprado por Jesus em sua Igreja e em cada fiel. A participação na vida divina se fundamenta em nossa relação pessoal com o Verbo encarnado, que é o lugar de nossa inserção na Trindade.

A “Unidade do espírito”

Para explicar o mistério do matrimônio espiritual, Bernardo também lembra 1Cor 6, 15-17: “estar unido ao Senhor é ser um só espírito com Ele”, em que a união carnal é comparada à espiritual. É a experiência da comunhão total, transformante e transformada, que faz alguém passar a ser a pessoa amada sem perder a identidade, em total compenetração vital. O amor verdadeiro gera união, comunhão, identificação, transformação na pessoa amada. Também restaura a semelhança originária até consumá-la em um ato de nova criação, de um novo nascimento.

“A casa espiritual”

No Sermão 46, comentando Ct 1,16-17: “Como é doce, como é verde-jante o nosso leito! Cedros são as vigas de nossa casa e os ciprestes são o nosso teto”, Bernardo fala da beleza da Casa da Igreja: constituída pelas atitudes dos crentes em uma comunidade que expressa o Autor de todo bem.

Bernardo tem consciência de que só na vida futura será possível chegar à união completa. Sublinha a condição de “peregrino”, própria da alma-esposa aqui na terra. Insiste mais no aspecto pessoal da relação com Deus, mas não exclui e até trata precisa e brevemente o aspecto comunitário dessa relação. É uma teologia afetiva mais que especulativa. Esse amor é exclusivo e inclusivo, como em toda história de amor verdadeiro com Deus.

4.2.2. *Guilherme de Saint-Thierry*

Guilherme de Saint-Thierry tem uma visão serena sobre o corpo e sobre a condição humana do amor ³. É uma visão benévola do simplesmente humano como suporte e lugar em que o discurso amoroso sobre Deus toma corpo. Uma amostra está no começo de seu comentário ao Cântico, onde fala do beijo esponsal como perfume do Amado, um símbolo da união entre o Esposo divino e a esposa mística. Quando os corpos se beijam unidos amorosamente, apertam os lábios e unem a respiração (o *spiritum*) numa síntese que indica a pessoa inteira.

A arte de amar é a arte das artes, mas será preciso fazer um caminho de aproximação e de conversão para a caridade: a vida amorosa com Deus. O amor é um sentimento natural inato no homem. Criado por Deus, ele deveria continuar a ser como no início da criação, sem precisar de que alguém o ensinasse a quem e como deve amar. Mas perdeu isso pelo PE-cado, e a realidade não é tão inocente: houve um desvio em nossos sentimentos. A alma sente-se atraída por seu destino, que é a bem-aventurança, mas perdeu o caminho e não o encontrará se alguém não o ensinar de novo. É necessária uma reeducação do amor.

Ele via o mosteiro como uma “Escola de Amor”: os instrutores eram: o mestre de noviços, o prior ou o abade. Opunha-se às escolas em que se ensinava a literatura e a doutrina do amor profano, usando o *De arte amatoria* de Ovídio. O mosteiro seria a única verdadeira escola de vida, envolvendo almas e corpos e transformando a comunidade monástica numa vida social similar à dos santos no céu. O pensamento deve dar lugar ao amor, e a ciência à sabedoria. Quando pensamos nas coisas de Deus e a vontade progride até se transformar em amor, o Espírito Santo se infunde e vivifica tudo.

Guilherme vê o Esposo Cristo diante de uma esposa ao mesmo tempo perfeita e aperfeiçoável: é a esposa das bodas messiânicas que já goza da alegria de ter sido escolhida pelo Esposo, mas ainda precisa de conversão. Trata-se do realismo antropológico de toda biografia espiritual, devedora da graça e condicionada pelo pecado, chamada à unidade do espírito, mas reconhecendo-se limitada e pecadora para gozar dessa união transformante e transformada.

O pensamento teológico e místico de Guilherme é uma narração da história da semelhança divina: dada por Deus na criação, desfigurada no pecado, restaurada na redenção. Há uma progressiva ascensão, não uma volta ao paraíso perdido, mas a penetração numa novidade não suspeitada nem merecida: a semelhança com Deus que nos abriu para a encarnação, morte e

³ Uma boa apresentação acessível de Guilherme de Sint-Thierry está em J. M. DECHANET, *Lettre aux frères du Mont Dieu* (Lettre d’Or), Sources Chrétienes Paris, 1985.

ressurreição do Filho de Deus. Deus é caridade, quem o amar e crescer no amor será semelhante a ele.

Nesse processo há uma intervenção do Espírito Santo: assim como ele efetua a unidade do espírito no seio da Trindade, significando e sendo a comunhão amorosa do Pai e do Filho, também realiza no homem que se abre a sua ação salvífica essa mesma comunhão filial com Deus: o que o homem não consegue entender nem explicar – mas que em Deus é natureza – lhe é dado de graça. Já estamos diante da unidade de semelhança, e de uma unidade de espírito. Os amantes são levados a ser uma só coisa.

O homem precisa irremediavelmente de Deus, porque sem Ele não pode entender a si mesmo. As experiências de paz e silêncio, gozo e liberdade, inteligência e amor, são energias dinâmicas da Trindade dentro de quem é sua imagem, a pessoa humana.

4.2.3. *Aelredo de Rievaulx*

Aelredo achava possível transformar a abadia numa família de amigos: a amizade é um tipo particular do Amor, sua rara e perfeita culminação. Aelredo começa recordando sua juventude: “nada me parecia mais doce, nada mais saboroso nem mais útil que ser amado e amar”. Ele construiu uma doutrina sólida sobre o amor e a amizade⁴.

Tem o mérito de propor um caminho de santificação através do amor humano. Seguiu bastante o “Diálogo da Amizade”, de Cícero e, como ele, ensinou que a amizade é um dom natural, uma “inclinação da alma”. Mas introduziu uma novidade: a amizade acontece entre três: os dois amigos e Cristo: “começa em Cristo, nele se conserva e a ele se dirige”. Se um amigo se une a outro no espírito de Cristo vem a ser um só coração e uma só alma com Ele, e se ascender assim do amor à amizade com Cristo, será com ele um só espírito e um só beijo.

Sua obra se estrutura em três diálogos. No primeiro trata da essência e da origem da amizade; no segundo, trabalha a excelência e os limites da amizade. No terceiro visa a prática: depois de fundamentar o amor e a amizade em Deus, ensina os passos a seguir na verdadeira amizade: a escolha, a prova, a admissão e o consenso.

Em Aelredo temos uma configuração espiritual ou mística do tema da amizade. No final de sua obra declara a importância de toda amizade humana como sacramento e antecipação da amizade eterna e divina:

...do santo amor com que abraçamos o amigo, somos elevados a aquele amor com que abraçamos Cristo, saboreando com prazer o fruto da amizade espiritual, cuja plenitude nós esperamos na eternidade, quando desaparecer o temor que agora sentimos uns pelos outros... Essa amizade – que aqui só podemos admitir para poucos – vai transbordar para todos e de todos se voltará para Deus, para que Deus seja tudo em todos”.

É claro que esse conhecimento dos místicos medievais teria levado Clara de Assis a descobrir um sentido novo na Palavra de Deus. Ela leu o Cristo-Esposo à luz do Cântico dos Cânticos, certamente ajudada pelos pregadores, porque é difícil pensar que ela tivesse uma Bíblia inteira em São Damião. Por isso, nós vamos nos encontrar com o Santos Padres que mais chamaram a atenção para o Deus Esposo. E, depois, vamos beber nas próprias fontes bíblicas – no Cântico e nos Profetas – como Deus quis e quer vir ao nosso encontro para uma união eterna.

⁴ Ver E. GOWLAND – M. E. TAMBORINI, *La amistad espiritual*, em Caridad, Amistad. Buenos Aires 1981.